

O QUE REVELA O DIÁRIO – CADERNOS DE CRIAÇÃO DE *MÚTUO*

Milena Pereira dos Santos (Universidade Estadual de Campinas – Unicamp)¹

RESUMO

Esse texto propõe a apresentação do que é um caderno de criação, diário de bordo e caderno de artista, apontando como tais denominações se aproximam. Trata-se de como tal material pode ser construído e utilizado como ferramenta de pesquisa em artes. Apontam-se as contribuições do referido uso na pesquisa de mestrado da autora, dedicada à investigação do modo de endereçamento na dança e no circo.

PALAVRAS-CHAVE

Caderno de criação; diário de bordo; caderno de artista; processo criativo; pesquisa em artes.

ABSTRACT

This text proposes the presentation of what constitutes a creation notebook, a logbook and an artist's notebook, pointing out how these terms can have their meanings close. It deals with how such material can be constructed and used as a research tool in arts field. It points out the contributions of this use in the author's master's research, dedicated to the investigation of the mode of address in dance and in circus.

KEYWORDS

Creation notebook; logbook; artist's notebook; creation process; arts research.

O processo criativo que deu origem ao espetáculo *MÚTUO* foi iniciado antes de meu ingresso no curso de mestrado em Artes da Cena da Unicamp, no qual dei continuidade. A pesquisa desenvolvida foi dedicada à investigação de como o modo de endereçamento, conceito oriundo da área do cinema, pode ser deslocado e contribuir para análises nas artes presenciais, especificando o circo e a dança. Para tanto, foi realizada pesquisa teórica sobre o assunto e outros relacionados, o desenvolvimento do processo de criação com registros em cadernos (ou diários) de criação, e ensaios abertos

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Unicamp. Mestre em Artes da Cena pela mesma instituição, com bolsa FAPESP-MS (processo 2018/25696-1, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). Orientação da profa. Dra. Mariana Baruco Machado Andraus no mestrado e no doutorado. Atua como artista do circo e da dança com o Ponto de Cultura NanoCirco, localizado em Campinas/SP.

do espetáculo, seguidos de bate-papos com as pessoas convidadas. O espetáculo, que coloca em movimento técnicas dessas duas artes, foi criado entre 2019 e 2021 no Ponto de Cultura NanoCirco², localizado em Barão Geraldo, Campinas/SP, por mim e por José Guilherme Pereira Bergamasco (Zuza Bergamasco)³, com trilha sonora de Rafael Montorfano⁴ e filmagem e edição de vídeo de Tobias Rezende⁵. *MÚTUO* é parte da pesquisa realizada com bolsa FAPESP (processo nº 2018/25696-1).

Modo de endereçamento é um conceito originado na área do cinema, no campo da análise fílmica, e localiza essa arte nos estudos culturais ao estudá-la como produção cultural capaz de produzir sentidos. Assim, a obra é estudada junto de suas relações com os espectadores, entendendo como a comunicação é estabelecida e as experiências de quem assiste. É assunto estudado por pesquisadores do cinema, da comunicação, da educação, dentre outros (ELLSWORTH, 2001; GOMES, 2011; SOUTO, 2009). Na investigação realizada no mestrado, foi realizado o deslocamento desse conceito para as artes presenciais, entendendo como é estabelecida a relação com o público a partir das escolhas feitas no processo criativo, trazendo especificidades da dança e do circo. Conclui-se, na dissertação, que modo de endereçamento é ligado à dramaturgia, ao entendê-la como o que compõe a obra em arranjos específicos, o que se frui no momento da cena e o que constrói o imaginário em torno da obra, que pode ir além do que escolhem os artistas criadores (SANTOS, 2021, no prelo).

Para a comunicação “MÚTUO: modo de endereçamento no processo criativo”, realizada no GT Processos de Criação e Expressão Cênicas no XI Congresso da ABRACE, foram selecionadas imagens para ilustrar o processo de criação e o espetáculo, sendo elas fotos das cenas e de desenhos do caderno de criação de Zuza Bergamasco. Zuza gosta muito de desenhar, e em seus registros há diversos desenhos de figuras que ele imaginava ser interessante explorar cenicamente. Essas fotos de seu

² NanoCirco é Ponto de Cultura dedicado às artes circenses, localizado em Barão Geraldo, Campinas/SP. Links de suas redes sociais: <https://instagram.com/nanocirco> ; <https://facebook.com/circonano> . Acessado em 15/08/2021 às 10:15

³ Zuza Bergamasco é sócio fundador do NanoCirco, artista circense e ator, diretor, professor de circo e responsável técnico de montagens em altura. Leciona circo no Centro Universitário Belas Artes e foi professor de Técnicas Circenses na Unicamp. É mestre em Artes da Cena pela mesma instituição.

⁴ Montorfano, também conhecido como Chicão, é compositor, produtor e pianista/tecladista. É integrante da Quartabê e antes da pandemia fazia parte da banda de Gal Costa, Junio Barreto, Ava Rocha, São Yantó, Negro Léio, Natália Matos, entre outros. É envolvido em variados projetos, do roquerol, passando pela música de concerto, eletrônica, jazz, música brasileira, minimalista, pop, experimental, chegando à improvisação livre. Compõe trilhas para dança/teatro/circo. É bacharel em Música Popular pela Unicamp.

⁵ Tobias Rezende Strogoff de Matos é graduado em Midialogia na UNICAMP (2016), possui experiência em produção audiovisual, motion graphics e produção cultural. É roteirista e diretor.

caderno chamaram a atenção de pessoas que assistiram à comunicação, e esse fato me provocou a pensar na importância que pode ter um caderno de criação para a própria pesquisa e outras investigações que dos cadernos possam surgir.

O diário de bordo, segundo Marina Marcondes Machado (2002, p. 260), “é a compilação de todas as anotações que um encenador-criador faz durante a escritura, montagem e encenação do espetáculo sobre o qual, futuramente, sua dissertação ou tese vai tematizar e discutir”. No presente texto, entende-se caderno de criação no mesmo sentido de diário de bordo no intuito de evidenciar que esses materiais criados pelos artistas se aproximam, ainda que com nomes diferentes. São, muitas vezes, criações paralelas privadas (no sentido de ficar restrita à artista), mas é possível encontrar na atualidade exemplos de como esses cadernos se tornam obras públicas.

Um exemplo é a web série “Caderno de artista” da Bienal SESC de Dança 2017, projeto idealizado por Cláudia Müller, professora, artista e pesquisadora de dança, e realizado em parceria com a equipe de Comunicação do Sesc Campinas. Essa série reuniu artistas que apresentaram obras autorais na referida edição da Bienal para falarem dos processos criativos.

Segundo Cláudia [Müller], “a matéria que alimenta o processo criativo dos artistas é a mais diversa: imagens, sons, interesses, conceitos, textos etc. De arquivos de computadores, blogs, vídeos e papéis de rascunho, emerge a memória do trabalho artístico em vias de germinar e, com ela, o convite para adentrar o mundo experimentado, revolvido e transformado”.

A proposta da série não é explicar um percurso criativo, mas aproximar o público dos processos de criação e do pensamento dos artistas. Desse fazer diário, que envolve muita dedicação e pesquisa, nascem seus espetáculos, coreografias e performances (CADERNO DE ARTISTA, 2019).

Um caderno de artista, no entanto, não necessariamente trata apenas de um processo criativo específico. Pode se referir à investigação longínqua de um artista, atravessando o período de mais de uma criação. O projeto “Caderno de artista” do CCSP⁶, por exemplo,

Convida coreógrafas(os) a comporem uma obra sobre seus modos de criação, seus entendimentos de dança, suas referências, suas matérias-primas e seus trânsitos. Um registro visual como desdobramento de seu próprio processo criativo, do que se constitui a sua criação e seu modo de produção. Cada qual usará o que melhor lhe traduzir. Cada qual é único. É memorial e legado num modo não convencional. Trata-se menos de apresentar um repertório, mas de pensar legado como futuro e arquivo poético (CADERNO DE ARTISTA, 2021).

⁶ Centro Cultural São Paulo. A série pode ser encontrada em: <https://youtube.com/playlist?list=PL2oViXao_cVH0XCj0Me-eiP9c0aPeJEHK> e em <<http://centrocultural.sp.gov.br/?s=caderno+de+artista>>. Acessado em 15/08/2021 às 11:05

Evidencia-se, desta maneira, que um caderno de artista, diário de bordo ou caderno de criação, dentre outras possibilidades de nomenclaturas, refere-se aos materiais criados e/ou compilados por artistas para provocar, inspirar ou sistematizar processos criativos. Pode ainda tratar das visões de mundo e de arte dos artistas, o que do mundo concreto e imaginário permeia suas práticas... São muitas as possibilidades.

No contexto da pesquisa acadêmica em artes, o caderno de criação pode ser uma ferramenta interessante para a investigação de um processo criativo de um artista ou de uma obra específica. A criação desse material pode sugerir como ele pode ser analisado a posteriori, uma vez que alguns temas podem ser evidenciados pelos registros. Por exemplo: referências de inspiração, a percepção do artista sobre si mesmo no processo, a organização das ações, os critérios para a seleção de materiais, etc. Cabe o cuidado daquela pessoa que pesquisa (que pode ser também a artista) em relação à personalidade e intimidade reveladas num caderno de criação. Esse material não tem compromisso de ser publicizado, e por essa razão é necessária cautela na escolha do que é pertinente ou não ser apresentado na pesquisa.

Defendo a artesanaria do Diário de Bordo como algo fundamental nas pesquisas em Artes Cênicas que envolvam o trabalho em processo e que busquem fazer uso do método fenomenológico; proponho tratar o Diário como um recurso filosófico e metalinguístico para o pesquisador-criador, cuja finalidade principal seria a ampliação de um espaço meditativo da experiência vivida durante a pesquisa, traduzindo o valor deste recurso de maneira não diretamente pragmática ou funcional, nem de leitura a ser necessariamente compartilhada: daí seu caráter de intimidade, de “Diário”. E, a partir dele, cada pesquisador poderá vislumbrar seus projetos de futuro, sendo o Diário de Bordo um canteiro de formas, um corpo em movimento: corporalidade tatuada com imagens vivas e prontas a saltar no mundo, para brincar e dançar fora do papel, quando abertura suficiente for permitida (MACHADO, 2002, p. 263).

No caso do processo criativo que originou o espetáculo *MÚTUO*, os cadernos foram feitos individualmente por cada um dos envolvidos na criação, eu e Zuzi Bergamasco. Para a análise do processo, utilizei principalmente do meu caderno, ainda que Zuzi tivesse me autorizado a utilizar do dele para tal fim. Os registros permearam o processo como um todo, e foi possível observar as mudanças neles ao longo do tempo.

O processo foi disparado por imagens das setas do tempo descritas por Stephen Hawking em seu livro “Uma breve história do tempo”.

Resumindo, as leis da ciência não fazem distinção entre as direções para frente e para trás do tempo. Contudo, há pelo menos três setas do tempo que distinguem o passado do futuro. São elas: a seta termodinâmica, a direção do tempo em que a desordem aumenta; a seta psicológica, a direção do tempo

em que nos lembramos do passado, e não do futuro; e a seta cosmológica, a direção do tempo em que o universo se expande, em vez de se contrair. Como já mostrei, a seta psicológica é em essência a mesma que a seta termodinâmica, de modo que as duas sempre apontaram na mesma direção. A proposição sem contorno para o universo prevê a existência de uma seta termodinâmica bem definida porque o universo deve partir de um estado liso e ordenado. E o motivo para observarmos esta seta termodinâmica em harmonia com a seta cosmológica é que seres inteligentes podem existir apenas na fase de expansão. A fase de contração seria inadequada, pois não possuiria uma seta do tempo termodinâmica forte. (HAWKING, 2015, p. 189, grifo nosso).

No começo, ocupava-me de escrever bastante, em registrar o que foi o ensaio, minhas percepções e reflexões, planejamentos para os próximos ensaios, referências de imagens e de textos que se relacionavam. Com o passar do tempo, os registros foram sendo cada vez mais objetivos, no sentido de marcar os combinados para a cena, as tarefas para a criação, com menos reflexões. O texto passou a ter mais o formato de lista. Ao olhar posteriormente para esse material, observo como essa mudança pode revelar os momentos de exploração mais inicial, os depuramentos e escolhas desse processo e como fui lidando com esses momentos: comecei com explorações guiadas por referências imagéticas e percepção de mim, seguido de escolhas para o que ficará em cena e o aprimoramento dessas – neste momento, já mais objetivamente atentando-me mais às cenas do que as percepções sobre mim. Pode-se observar, ainda, como as imagens iniciais foram se transformando em cenas, re-elaboradas em jogos cênicos de dança no chão e no ar por intermédio das liras⁷.

Pode-se perceber, ao retomar o caderno, que esse processo foi disparado e permeado por textos: o livro de Hawking em especial, e também “Eu sei, mas não devia”, de Marina Colasanti (COLASANTI, 2016), e “Einstein já sabia de tudo”, de Helena Zelic (ZELIC, 2020). Esses textos tratam de grandiosidades e miudezas do universo e da vida cotidiana. As diversas explorações de movimentações e dos jogos foram iniciadas a partir dessas leituras. Percebo, então, a possibilidade de encontrar os disparadores e inspirações dos processos nos cadernos de criação.

Entretanto, ainda que as explorações acontecessem a partir dessas imagens, eu e Zuza percebemos que as cenas criadas indicavam outros caminhos, especialmente após a contribuição de outros olhares. Pudemos contar com a presença de colegas artistas em alguns ensaios, e essas pessoas contribuíram com suas percepções a partir do que viram.

⁷ Lira é um aparelho aéreo circense, de formato redondo com diâmetro geralmente entre 80cm a 1m e feito de metal. Esse aparelho fica suspenso através de cordas, cabos de aço ou fitas. Nele são realizadas acrobacias fora do chão. *MÚTUO* é um espetáculo de dança no chão e nos ares por intermédio das três liras utilizadas em cena.

Os relatos revelaram que podia-se ver uma relação desarmoniosa entre as duas pessoas em cena, no caso, uma mulher e um homem. Os diversos jogos de movimentação em peso e contrapeso, no chão e por intermédio das liras, sugeria a leitura de uma situação machista. Os registros nos cadernos de criação indicam os momentos em que esses relatos foram feitos, e como aconteceu a mudança de foco do processo criativo a partir deles: o que antes tratava da exploração das imagens grandiosas se voltou a tarefas de como re-elaborar as cenas criadas para construir uma relação de equidade, de carinho e confiança mútuos. Percebi, nos cadernos, a importância que teve o olhar externo no processo de *MÚTUO* a partir do que sugeria o que se dava a ver.

Nos cadernos de criação, pode-se perceber os momentos de constância e de irregularidade dos ensaios com a observação das datas anotadas. Destaco que realizei as anotações nos dias em que aconteceram os ensaios, e quando havia um lapso de tempo entre um e outro, anotei os motivos pelos quais isso havia acontecido. O processo criativo de *MÚTUO* aconteceu majoritariamente no período da pandemia de COVID-19, sendo atravessado por ela. A viabilidade dos ensaios foi comprometida em diversos momentos devido às adequações na vida pessoal e profissional das pessoas envolvidas, abrangendo as de presença e virtualidade, a financeira, dentre outras. Felizmente, tivemos o espaço do NanoCirco a nossa disposição para dar seguimento ao processo, que teve de se adequar às novas rotinas. Assim, no caso de *MÚTUO*, percebe-se que os cadernos de criação podem revelar as influências que sofrem um processo.

A pesquisa de mestrado contou com o desenvolvimento desse processo de criação, com o estudo de referenciais teóricos e com a realização de ensaios abertos para público reduzido convidado. Tais etapas foram realizadas simultaneamente, em especial as duas primeiras. No caderno feito por mim, é possível perceber os cruzamentos, as influências recíprocas dessas duas primeiras etapas, com a escrita das escolhas feitas para a cena e seus porquês, da realidade do processo e o que o circunda indicando os caminhos possíveis de serem seguidos. E ainda aponta quais as necessidades de escolhas específicas para um espetáculo de artes presenciais, diferenciando-se do cinema em alguns aspectos. Nessa pesquisa dedicada à compreensão do modo de endereçamento nas artes presenciais, o caderno de criação revelou como as escolhas foram sendo feitas e concretizadas no espetáculo analisado, e esse material pôde ser analisado junto de outros gerados por outras ações do projeto.

Há um trecho do caderno de criação feito por mim em que escrevo:

Engraçado escrever aqui o que escreverei em breve.
Acho que esse caderno é de escrever o que se relaciona com o corpo. Mas isso não é diretamente ligado à criação, mas aos meus treinos. O treino está separado dos momentos criativos, afinal? Esses fortalecimentos servem para dar potência ao treino e para prevenir lesões.
Será que posso chamar os ensaios de treinos de criação?
(Anotação do caderno de criação da Milena. 08/10/2019).

Nesse trecho, aponto que realizo treinos de fortalecimento e condicionamento físico para prevenir lesões e para conseguir realizar as acrobacias na lira e no chão, que exigem bastante do corpo. Ao longo do caderno, fui registrando o planejamento desses treinos, e comecei a refletir se eles deveriam estar ali. Percebi como eram essenciais esses treinos para realizar as movimentações propostas para as cenas, e passei a encarar como parte do processo criativo. O caderno me revela o que entendi como integrante do processo, e elaborações teóricas sobre treinamento e criação.

Os cadernos ou diários dão a possibilidade de revelar lógicas construídas ao longo dos tempos, inclusive aquelas que persistem e seguem provocando o movimento criativo das pessoas artistas. A elaboração dos cadernos de criação para a pesquisa de mestrado contribuiu para a análise em diálogo com outros materiais levantados. Foi possível perceber como se deu o desenrolar do processo de criação, as influências externas, o ritmo, e reflexões que o atravessaram. Há a possibilidade de, no futuro, revisitar esse caderno e outros que ainda serão construídos e observar as mudanças e as constâncias, com novas revelações. Tal movimento pode ser produtivo numa pesquisa em artes, em investigações de maneiras de construção de obras ou ainda de conhecimentos na área.

REFERÊNCIAS CITADAS

CADERNO DE ARTISTA Eduardo Fukushima. **Centro Cultural São Paulo**, 2021. Disponível em: <<http://centrocultural.sp.gov.br/2021/01/14/5-caderno-de-artista-eduardo-fukushima-danca/>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

CADERNO DE ARTISTA. **Bienal SESC de Dança**, 2019. Disponível em: <bienaldedanca.sescsp.org.br/caderno-de-artista>. Acesso em: 15 ago. 2021.

COLASANTI, Marina. Eu sei, mas não devia. In: _____. **Melhores crônicas**. São Paulo: Global, 2016.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GOMES, Itania Maria Mota. Metodologia de análise de telejornalismo. In: **Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo** [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 17-47. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/9wgn>>. Acesso em: 08 out. 2021.

HAWKING, Stephen. **Uma breve história do tempo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

MACHADO, Marina Marcondes. O diário de bordo como ferramenta fenomenológica para o pesquisador em artes cênicas. **Sala Preta**, [S. l.], v. 2, p. 260-263, 2002. DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v2i0p260-263. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57101>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

SANTOS, Milena Pereira dos. **Mutualidade e mutabilidades**: modo de endereçamento na dança e no circo. 2021. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. No prelo.

SOUTO, Mariana. Cinema como prática cultural: uma análise dos modos de endereçamento no filme *Cão Sem dono*. In: **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação**. Universidade Federal de Juiz de Fora. n. 2, v. 3, dez/2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21047>>. Acesso em: 08 out. 2021.

ZELIC, Helena. Formas de observar um trajeto. **Em Tese**, [S.l.], v. 25, n. 3, p. 178-187, mar. 2020. ISSN 1982-0739. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/1982-0739.25.3.178-187>. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/16698>>. Acesso em: 15 ago. 2021.